

Naquela triste manhã (dia 18 de Novembro) aconteceu uma tragédia na minha vida, quatro anos, abri os olhos e vi que algo se passava de estranho, o quarto onde dormia estava cheio de pessoas, e a minha irmã deitada.

A minha avó materna levantou-me, arranjou-me, pegou-me ao colo e disse “dá um beijinho à tua mãe”, ela virou o rosto e ainda hoje eu sinto o frio daquele beijo.

Dei por mim à porta dos meus padrinhos, a minha madrinha era prima do meu pai, mas tinham uma ligação de irmãos, uma das minhas irmãs deixou-me lá, e é impressionante como um fatídico dia ficou gravado no meu sub consciente para sempre.

Fui tratada como uma princesinha, eles não tinham filhos, o meu padrinho foi sempre o meu ídolo.

O tempo foi passando mas nunca perdi a convivência com as outras crianças daquela rua, tinha muita afeição às vizinhas, e sempre que me podia escapar lá estava ela a brincar lá.

Passei uma infância muito feliz, o meu pai e os meus irmãos visitavam-me assiduamente. A minha irmã mais velha e uma tia foram sempre incansáveis, estavam descansadas pois sabiam que me tratavam bem.

E partiu aquela senhora, (37 anos), com tanto para viver, segundo dizem, uma pessoa amiga do amigo, bem disposta, deixando o marido num sofrimento atroz o que o levou ao alcoolismo. Esta menina entrou na adolescência e no começo sofre outro golpe, o pai suicidou-se, não suportou a perda daquela que ele tanto amou, aí descambou tudo, a casa desmoronou-se cada um foi para seu lado e eu assistindo a tudo.

Começaram os conflitos interiores, eu tendo tudo e eles aflitos, pois que 16, 15 e 11 anos não era fácil, uma das minhas irmãs foi mãe solteira e eu assistindo a tudo de camarote, tinha tudo e eles nada, nem o carinho da avó materna.

Encurtando este relato, a minha personalidade mudou, a alegria transformou-se em tristeza sentia uma grande saudade da minha mãe, cheguei a ter ciúmes das minhas irmãs, porque elas viveram mais tempo com a mãe, não gostava de mim e pensava que os outros também não.

Vinte e dois anos, já tinha o meu emprego, e conheci um rapaz que se interessou por mim, ao princípio tive dificuldade em acreditar que fosse verdade, pois eu olhava-me no espelho e achava-me feia, tudo fruto do meu trauma de infância.

Um mês antes de casar, a minha felicidade é violentamente sacudida pela morte inesperada do meu padrinho, que eu amava tanto.

Tive um casamento feliz, acompanhado de alguma doença, mas que faz parte da vida, pois que não existe felicidade plena, tive dois filhos maravilhosos, infelizmente o marido teve que partir e fiquei para lembrar aos netos o homem bom, íntegro e amigo que ele foi.

Hoje olhando para trás, sinto que Deus me pôs à prova para testar a minha capacidade de aceitação.

Os anos tornam-nos mais sábios, mais tolerantes, olhamos para o lado e vemos que o sofrimento alheio por vezes é mais doloroso que o nosso.

Agora vivo de recordações, aceito a minha vida tal como foi e é, não podemos fugir desses caminhos tortuosos e aprendemos muito.

Também as minhas amigas/os me ajudaram muito, e ela aonde estiver está orgulhosa dos filhos que tem, foram à luta, venceram, todos os valores que lhes foram transmitidos foram agarrados “com unhas e dentes”, resumindo são todos felizes.

Nunca perdi a fé e creio que foi uma grande aprendizagem, para crescermos mais fortes e sermos pessoas de bem.

Tenho orgulho nos meus irmãos, que eu adoro, e nas minhas irmãs de coração, tenho um dever de gratidão para com elas.

O meu lema é nunca desistir e não esquecer que há muito caminho para percorrer, procurando sempre não pisar ninguém para alcançar o que nos propomos realizar.

Feliciano Fialho

Universidade Sénior de Moura